

Friedrich Engels, uma biografia

GUSTAV MAYER

São Paulo: Boitempo, 2020. 335p.

*João Quartim de Moraes**

A primeira e ainda hoje a mais importante biografia de Friedrich Engels de que dispomos foi escrita pelo historiador alemão G. Mayer, que consagrou sua melhor energia intelectual a um longo trabalho de elaboração iniciado antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Como bem ressaltou José Paulo Netto na apresentação da tradução brasileira (de Pedro Davoglio), desse grande livro de título modestamente singelo, “até o fim da segunda década do século XX” não havia estudo sistemático sobre a vida e a obra daquele que foi, ao lado de Karl Marx, o grande fundador do materialismo histórico.

A publicação da biografia estendeu-se por dezesseis anos. O primeiro volume, *Friedrich Engels in seiner Frühzeit 1820-1851* foi publicado em 1920. Em 1933, o segundo volume ficou pronto para a edição, mas a chegada dos nazistas ao poder inviabilizou a publicação. Mayer recorreu ao editor holandês Martinus Nijhoff, que o publicou em 1934. Há incertezas sobre as condições e o momento em que ele, acompanhado da família, juntou-se à primeira vaga de refugiados do terror hitleriano. Em 1935, publicou na Inglaterra uma versão em inglês, condensada em um volume. É essa versão que foi traduzida no Brasil, em comemoração ao bicentenário de Engels, ocorrido dia 28 de novembro de 2020.

* Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: jqmoraes@gmail.com

O livro compreende 24 capítulos com estilo direto e objetivo, alguns bem curtos. Apoiado na ampla documentação que recolheu, o biógrafo segue a linha do tempo, reconstituindo situações e contextos que marcaram a formação e a trajetória do biografado, a começar do ambiente social e cultural de sua infância e adolescência no distrito industrial de Barmen, onde entrou em contato direto com a dura condição dos operários. Seguem as primeiras ideias políticas de Engels, os contatos em Berlim com os jovens hegelianos ao tempo em que ele lá fez o serviço militar, sua mudança para a Inglaterra para completar sua experiência nos negócios na empresa fabril da qual seu pai era sócio.

Sobre essa viagem há uma controvérsia de datação cujo maior interesse está em que no roteiro para a Inglaterra ele fez uma pausa em Colônia, para visitar a redação da *Gazeta Renana*, onde teve seu primeiro contato direto com o novo editor chefe do jornal, Karl Marx. O encontro não foi caloroso, porque Marx não sabia que o visitante tinha se afastado do grupo dos “Livres”, composto principalmente de “jovens hegelianos” que se reuniam em bares de Berlim para debater sobre todos os assuntos, sem tirar maiores consequências de suas animadas discussões. A data mais aceita do encontro dos dois mais tarde inseparáveis amigos é 16 de novembro. No entanto, segundo Mayer, “Engels saiu de casa no final de novembro de 1842” (p.48). Muito provavelmente há aqui um erro, talvez cometido na tradução condensada do alemão para o inglês. Com efeito, a nota 24 da edição brasileira assinala a discrepância na datação e a nota 25 afirma que ele chegou a Londres em 19 de novembro. Se essa data for correta, no final de novembro ele já estava estabelecido do outro lado do canal da Mancha.

Mayer faz reviverem as experiências do jovem Engels em Manchester, notadamente seus “estudos políticos e sociais” e sua imersão nos meios populares, assinalando de passagem que de suas responsabilidades e atividades na firma Ermen & Engels sabe-se bem menos do que de suas atividades fora do escritório. Em agosto de 1844, ele retornou ao continente, rumo à Alemanha, mas passando por Paris, onde voltou a encontrar Karl Marx em 28 de agosto; conversaram quase ininterruptamente até 6 de setembro. Dez dias que iriam abalar o mundo, é o caso de dizer. Despediram-se irreversivelmente amigos. Encontraram-se no ano seguinte em Bruxelas, onde Marx se estabelecera ao ser expulso de Paris e para onde Engels se dirigiu. Em Barmen, suas relações com o pai tinham se tornado cada vez mais difíceis, próximas da ruptura. Entretanto a polícia prussiana, que começara a se interessar insistentemente por seus escritos, deu-lhe um credível pretexto para sair da Alemanha.

Em Bruxelas iniciou-se a colaboração teórica e política entre os dois amigos. Nem mesmo a morte a interrompeu, já que Engels durante os doze anos que sobreviveu a Marx (que morreu em 1883), consagrou o melhor de sua energia intelectual a preparar a edição dos volumes II e III d’*O capital*. Em dezembro de 1847 e janeiro de 1848 os dois prepararam, a pedido da Liga dos comunistas, o Manifesto em que expõem em grandes traços a concepção materialista da história e nela fundamentam a perspectiva de que a classe operária dos países europeus avançados tomaria o

poder político pela via revolucionária e, emancipando-se, emanciparia a humanidade. A vaga revolucionária que percorreu a Europa em 1848 lhes permitiu voltar à Alemanha. Lá eles criaram a *Nova Gazeta Renana* e investiram seus melhores esforços e esperanças no avanço da revolução democrática. O refluxo da vaga, em meados de 1849, inviabilizou o jornal e constrangeu os dois editores a deixarem o continente; eles se fixaram em Londres.

Não só para garantir sua própria subsistência, mas também para ajudar Marx, em situação material precária, a se concentrar nos longos estudos que redundariam na crítica da Economia Política, Engels deu um passo atrás em seu plano de vida: elaborou relatórios sobre a conjuntura econômica e os negócios industriais, enviando-os ao pai. Este os apreciou, propondo-lhe que assumisse a representação da família na fábrica inglesa. Feito o acordo, Engels instalou-se em Manchester.

Nessa nova e duradoura fase da existência, ele e Marx mantiveram fortes laços com o movimento operário e acompanharam com atenção a situação econômica e política internacional. A sequência da biografia se articula em torno dos mais importantes acontecimentos que afetaram esses centros de interesse, notadamente quatro guerras, a da Crimeia, a franco-austríaca de 1859, a da Secessão estadunidense (que Mayer chama “guerra civil americana”) e a franco-prussiana de 1870-1871. Esta se desdobrou na Comuna de Paris, que Mayer evoca no capítulo “A luta contra Bakunin”, no qual reconstitui a luta que ele e Marx travaram contra o anarquismo na Primeira Internacional.

Como ocorreu com as de Marx, muitas das expectativas otimistas de Engels não encontraram confirmação. Mas em seus últimos anos de vida, ele participou do esforço de unificação do socialismo alemão e de sua vitoriosa resistência à lei de exceção imposta por Bismarck em 1878. Após doze anos na ilegalidade (1878-1890), o partido social-democrata obteve em 1890 a maior porcentagem dos votos para o Reichstag (19,8%). O avanço eleitoral ampliou-se em 1893 para 23,4% dos votos. Bem mais do que a conquista de cadeiras parlamentares, foi o avanço da consciência socialista do povo alemão tal como refletido nas eleições que levou Engels a considerar que a conquista do poder estava no horizonte histórico. Longe, porém de triunfalismos, ele empenhou-se a fundo na luta política no interior do partido e na Segunda Internacional, combatendo por preservar a contribuição teórica de Marx e a dele próprio.

Em 1895, ano de sua morte, ele analisou a tática do movimento operário à luz de meio século de combates, de Paris em 1848 e 1871 a Berlim em 1895, constatando que os proletários alemães tinham mostrado “como servir-se do sufrágio universal”. Entretanto, atento às ameaças de grandes confrontos bélicos na Europa e a suas consequências sobre a luta pelo socialismo, ele criticou “a tática a todo custo pacífica” de W. Liebknecht, frisando que ele próprio só a preconizava para a “Alemanha de hoje”; “ela poderá amanhã se tornar inaplicável”.

Difícil apontar, sem repetir outros comentários, todos os méritos do livro de Mayer. Ele reconstitui a trama complexa das situações e dos ambientes em que se desenrolou a formação intelectual e política de Engels, conduzindo-nos por meio dos acontecimentos marcantes de sua vida e da construção de sua obra.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Multidão fotografada
Steve Edwards

Comunismo e organização
Peter Thomas

Transição ao capitalismo
Fabien Tarrit

Dialética no "Capital"
Hans Fulda

Guerra civil nos Estados Unidos
Karl Marx e Friedrich Engels

Dossiê: Análises marxistas da Revolução Russa
Valério Arcary, Márcio Naves e Erick Fishuk

45